

QUINTA-FEIRA
Lisboa--16 de Maio--1929

sem
IV
5 TOJ 10ES

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

156



sempre
fixe semanario
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

As adivinhas do Diario de Lisboa



«Sempre Fixe», ilustrando as oito primeiras adivinhas do seu illustre papà, não supõe os concorrentes tão «tapados», que não tenham «matado as charadas» logo ao primeiro golpe.. de vista. Como bom filho, quiz apenas dar o concurso dos bonecos ao concurso das adivinhas, pondo em traços de pé quebrado o que o papà pôz em versos certos. E agora, leitor amigo, se te sair o «Essex», esse é que se quere cá para uma pandega.



Os ditos da semana



o nosso aniversário Trez anos! Que graça de creança! Que amorzinho! O que esta creança traquina tem feito em trez anos de existencia!

Como ela tem deleitado meio mundo! E dizemos meio mundo, porque a outra metade é de anallabelos e a nossa graça é toda escrita.

Por motivo do nosso aniversário temos recebido inumeros telegramas, cartas e ofeios de saudação, dentro os quaes destacamos os seguintes:

«fazemos votos porque V. Ex.ª continue por longos anos, na patriótica obra de restaurar o riso tão abalado desde longa data. Costa Lobo e Antonio Cabreira.»

«Com as saudações mais efusivas apresso-me a dar a V. Ex.ª a mais estreita solidariedade, de boa vontade suportando a parte do sacrificio que me toca pagando os 50 centavos que custa o periodico. «Quod est est». Cauteleiro Fardado.»

«Saudo V. Ex.ª pela sua obra de resurgimento do riso e proclamo o maior patriota do nosso tempo. Assim Deus lhe conserve a vida e a saude para nos deleitar com as suas tacecias. Presidente da Associação Commercial de Paio Pires.»

«V. Ex.ª é o jornal de que o paiz precisava para endireitar isto. *Ridendo castigat mores*. Presidente da Associação dos Vendedores de Leite com Agua»

Sevilha! Sevilha! Está abetta a exposição. — A Sevilha! A Sevilha! E' este o grito da moda.

Vae tudo para Sevilha. Tudo, até os portuguezes, mas por cá não passa ninguém. Já se viu por ventura para ai algum americano?

E' estamos nós de cara lavada mas de cara à banda, à espera deles.

E' estamos nós de barba feita e sem ao menos ter barbas para pôr de molho, para não tornarmos a cair noutra.

Vae todo o mundo a Sevilha mas vae toda a gente pelo ar ou por outro caminho, que por aqui não faz geito.

Verifica-se agora que, com a exposição de Sevilha, lucrámos apenas em arrumar a casa e varrer a testada.

Cear bem passar uma noite agradável, só no Solar da Alegria.

Não ha *touristes* mas tambem não ha lixo. Já é alguma coisa.

Estes habitos de higiene só se adquirem para receber estrangeiros ou, então, com um bocadinho de epidemia.

Já assim foi quando houve peste bubonica na cidade do Porto.

Morreu muita gente, mas desentupiram-se as fossas e

desinfectaram-se as montu-reiras.

Os senhores lembram-se? Foi tal qual como agora. Ho-teis, *restaurants* e casas particulares tudo passado a pano. Na impossibilidade de se arranjar mais peste, sempre foi bom que se tivesse feito a exposição ee Sevilha. Ha tantos anos que não havia uma limpeza geral...

A Faculdade de Letras A Faculdade de Letras vae ser transferida para Belem. E' bem entendido.

E não se diga que é longe, porque tambem lá está o mosteiro dos Jeronimos e até ha gente que vem do fim do mundo para o vêr, sem se importar que seja longe. E para esses sempre faz mais diferença porque moram longe, na America, por exemplo. O que é isso comparado com um estudante que more no Lumiar?

Dr. Caeiro da Mata



Compleição e talento herculeos. Detentor, em Portugal, do scetro do Direito, por direito de conquista. E' a mão direita do Direito.

Plenipotenciario dos Governos em todas as questões de Direito internacional, o seu saber vae direito até ao fim, por mais tortuosas que sejam as complicações.

Erudito, ponderado, perspicaz, tem em tudo tanto «acento», que se assenta na cátedra universitaria, no «Banco» de Portugal, e no «fauteuil» da Academia.

O dia da espiga Passou o dia da espiga e ninguém deu por isso. São as tradições que se perdem? Não. De modo algum. São habitos que se adquirem.

Desde que a vida encareceu todos os dias são quintas feiras da Ascenção, quintas feiras da espiga emlim. Habitamos nos. Agora já não lhe achamos graça nenhuma. Encontramo-nos perfeitamente na situação do bebado que não espera com anciedade alguma um dia de anos de familia para entrar pelos vinhos— e que anda sempre entrado.

Em Portugal, vendo bem, não ha um dia da espiga, um ano, ou um seculo da espiga, porque esta da carestia da vida não está madura nem daqui a cem anos.

Miss Nossa Já temos uma rainha da beleza nacional. Proclamaram-na os marroquinos julgando que nos davam uma alegria.

Temos finalmente uma Miss Nossa, mas o nosso jubilo não é uma coisa por ai além, porque eleger uma rainha da beleza em Casablanca, onde as unicas coisas verdadeiramente brancas que existem são o nome da terra e a nossa compatriota, não é motivo para deitar um foguete de trez respostas.

Botelho Botelho, o nosso Botelho dos *Ecos da Semana* foi para Paris.

Mesmo assim de longe, cá teremos os ecos da sua graça. E fica o leitor sabendo; se algum dia faltarem os *Ecos da Semana* é que Botelho está desenhando alguma franzeza.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

QUEM torto nasce... Ou será en-
guicho?

A comissão nomeada — vai para um mês — para tratar do T. N. ainda não reuniu. Porquê? Sabese lá! Verdade seja que o velho teatro D. Maria II já veio ao mundo com *mala pata*...

Sonão vejamos... Ao folhear a *Revista Popular*, contemporânea de D. Maria II, encontramos dois ecos preciosos. Parecem escritos hoje. Por eles se vê o enguicho — a palavra é aqui bem empregada — do pobre teatro, enguicho que o acompanhou quasi desde o berço, visto que em 1851, data do que vamos transcrever, tinha ainda aquela casa de espectáculos poucos anos de vida. Era vivo Garrett, que o creára, pois que só morreu em 1854. E nesse tempo trabalhavam no teatro do Rossio actores da envergadura de Epifanio, Tasso e Teodorico e actrizes como a Soler e a grande Emilia das Neves! Pois nem assim o publico aprova lá.

Eis o que diz a *Revista Popular*, de Agosto de 1851:

«Teatro de D. Maria II. — A situação deste teatro é realmente difícil; apesar de já se haver fechado o teatro lirico, a concorrência do publico é ali sempre pouco numerosa. Por mais que a direcção, com louvavel actividade, se empenhe em variar os espectáculos e apresentar outros novos, as circumstancias não melhoram dum modo atendivel. Será porque o teatro está fadado para realizar em todas as suas partes o conhecido proverbio — *Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita?* Será. Mas nós, que não somos cúmplices nos desaguidados que trouxeram o teatro português ao estado de degradação em que se acha, sentimos sinceramente que se não olhe com mais interesse para um objecto que importa nada menos que a morte da arte dramatica entre nós!»

Se se escrevesse isto hoje, não se seria mais verdadeiro...

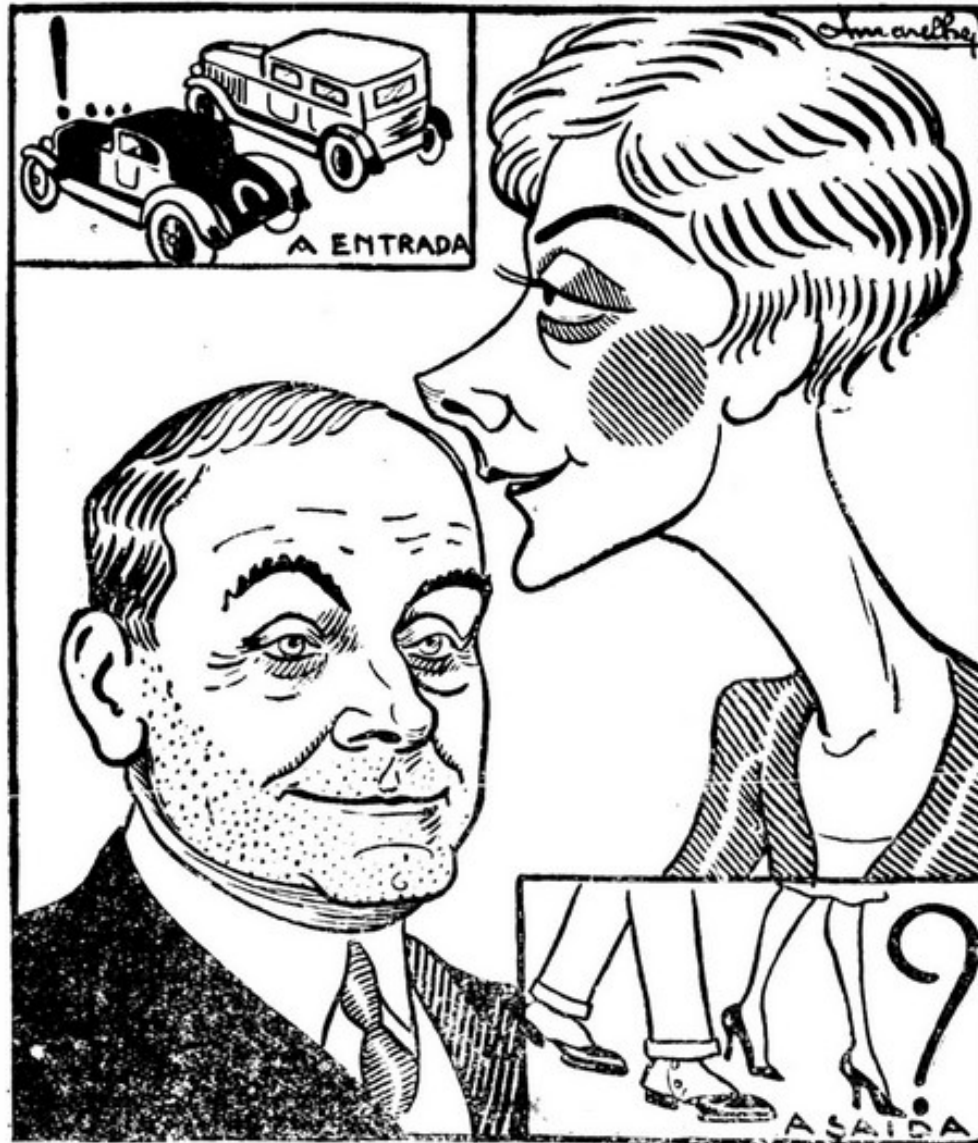
Meses depois — em novembro de 1851 — lia-se na mesma *Revista Popular* a seguinte noticia:

«Teatro flutuante. — Uma empresa dos Estados Unidos mandou construir um teatro flutuante que pode acomodar *quatro mil* espectadores. O teatro, rebocado por dois vapores, percorrerá os diversos portos do Mississippi. A companhia deve tirar grandes lucros da sua viagem. Por este modo, o publico esperará nos cais a chegada do teatro; não acontecerá o que aconteceu ao nosso teatro de ouro, que espera, a pé firme, por um publico rebelde, por um publico que passeia de tarde em frente da porta e lhe volta as costas na hora do espectáculo. E' uma triste situação, que lamentamos, porque o teatro de D. Maria II não merece o abandono em que o deixaram.»

Escreveu-se isto ha 78 anos! E parece de hoje! Que *macaca*, a deste teatro!

A DANÇA modernista «Charleston» ameaçou prolongar-se por muitos dias. Queixavam-se de que as peças não tinham ensaios e, principalmente, dizia-se que não havia ensaio geral — para se corrigirem erros. Pois bem, esta teve três. Nada menos. Deus permita que o futuro da obra não seja — três e nada!

C. P. — o grande, em volume e em talento — vai regressar a Lisboa para reaparecer no Odéon.



ESTER ALEXANDRE LEAO DE AZEVEDO entram todas as noites de automovel no Nacional. Queira Deus que não saiam a pé...

Houve teatros, e dos da melhor tradição, que se transformaram em cinemas. Vamos andando para traz. Começam agora os cinemas a transformarem-se em teatro! Tenhamos confiança — os que o amam — em dias melhores. O teatro ha de vingar e o cinema cairá. E' questão de tempo! Arte muda e ás escuras não pode ter futuro. Falta-lhe voz e luz — como diria o amigo Banana...

NÃO ha fome que não fraga fatura...

Por toda a parte se ouviam queixumes contra a invasão do teatro estrangeiro. «Era uma afronta» — chegou-se a dizer... Ai teem agora:

No Trindade — Uma revista portuguesa.

No Nacional — Um drama português.

No Politeama — Uma sátira portuguesa.

No Apolo — Uma opereta portuguesa.

No Variedades — Uma revista portuguesa.

No Avenida — Um *vaudeville* português.

Os outros teatros estão fechados. Não ha nenhuma tradução em scena. Em Paris, no entanto, não acontece o mesmo. Um jornal parisiense publica a seguinte local. Vai em francês para não perder o sabor:

«LE THEATRE FRANÇAIS A PARIS

On joue:
A l'Apollo: «Le procès de Mary Dugand», *pièce américaine*.
Au Mogador: «Rose-Marie», *opérette américaine*.
Au Châtelet: «Mississippi», *opérette américaine*.

Aux Folies-Wagram: «Tip Toes», *opérette américaine*.

A la Madeleine: «Le Train fantôme», *pièce anglaise*.

A l'Avenir: «Karl e Anna», *pièce allemande*.

A l'Atelier: «Volpone», *pièce anglaise*.

Ha razão de queixa, entre nós, como os franceses se estão queixando, entre eles? Cremos que não e, como se vê, não se agatanham nem se insultam...

OS NOSSOS dramaturgos.

Um dos autores duma peça actualmente em scena foi ter com a empresa do teatro onde se representa a obra e exige:

— O meu nome deve vir sempre, nos annuncios, primeiro do que o do meu colega.

Garantimos a veracidade da exigencia, podendo apresentar testemunhas.

PASCOAL quiz ser gente e... foi para o teatro. Deram-lhe um papel numa peça. Pouco tinha que dizer. A empresa pede auctorização para Pascoal representar. E' -lhe concedida, mas... com a condição de Pascoal não pronunciar palavra. Podia representar, sim, mas *calado*...

Isso era impossível. Pascoal queria falar. Quando lhe disseram que não podia abrir a boca, ficou triste e disse consigo:

— Hei de falar!
Chega a noite da estreia. Pascoal é avisado novamente:
— Olhe que você não fala.
— Si stô.

Pascoal entra no palco. Tinha de dançar. Dançou e, a meio da dança, diz para um actor:

— Não stô... não falei!
Não foi preciso mais nada.

HA empresarios — ou por outra — financeiros de empresas teatraes que deviam ser condecorados. E' necessario não ter amor ao dinheiro e ser-se muito boa pessoa para aturar os que rodam o teatro e os que superintendem nos coisas teatraes... Deviam ser condecorados...

CERTO galã entra para o teatro. Tem geito — dizem uns. Não tem — dizem outros. Estreia-se. As opiniões divergem e o que teimava que tinha geito diz:

— Tem geito... mas falta-lhe a pratica. Em sendo velho, teremos um galã perfeito!

COMEÇAM a organizar-se as companhias e as *tournees* de verão. Apesar do que se tem escrito, ainda ha-verá muitas surpresas.

São revistas, constamos que se vão representar — durante a estada calmosa — nada menos de...

Não será revista a revista... o publico tão pouco numerosa?

C. S. — o actor professor ensaiador — vai realizar a sua revista no T. P.

Entre as peças que leva nessa noite, conta-se uma intitulada «A paz domestica».

Parece prada!... Na final da época, o C. S., ja não vem a tempo essa paz domestica...

O A. da C. sagarrou, em cada terra onde põe o pé na dita, uma revista de homenagem, acompanhada de la-pide e de discurso pela pessoa mais grata... Os jornais veem, dia sim dia não, com uma noticia sobre esse assunto.

O nome de A. da C. fica em mármore, por esse país fora, gravado pelas paredes dos teatros.

Verdade seja que ja não era sem tempo. Outros, com metade dos seus recursos teatraes, são condecorados e são acarinados pelo publico da capital... E' sempre assim!...

AFINAL, de quem é a peça que está em scena no T. N.?

Do M. D. e do V. de R. ou dos espanhóis V. de P. e T. B.?

Os cartazes estabelecem a verdadeira confusão:

«O DOMINADOR»

Grande éxito de Madrid e Barcelona

Em que ficamos? E' bico ou cabeça?

O MUSICO da moda é o C. de O. O seu nome começa a invadir os cartazes.

Dizem-nos que a partitura que está escrevendo para a opereta que vai inaugurar a época de verão no T. M. V. é qualquer coisa de original...

Deus permita. Estamos fartos de ouvir as orquestras dos teatros tocar as musicas dos discos...

O Homem das 5 horas

Uma boa noite com fados só no Solar da Alegria

O Poeta e a Musa

(Diálogo de amor moderno)

(Uma sala moderna, como qualquer outra sala moderna. Piano, amapleas, uma profusão de almofadas e amassadões de todos os feitios e de todas as cores.)

Das paredes, reproduções da «Vie Parisienne».

Ela — elegante, flexível, toira, olhos onde o azul e o verde se confundem, misteriosamente. A flor dos lábios, um sorriso enigmático, que tanto pode significar «pureza» e «pervertidas». Decolada até onde as conveniências e o amor de si própria o permitem. Deitada, indolentemente, sobre um «divan», fuma «Abdullas» sobre «Abdullas». 18, 20 anos!

Ele — moreno, alto, meia dúzia de cabelos brancos corando-lhe a calva onde o talento tem scintillações de sol crepuscular. Monoculo. A surpresa do encontro torna-o um pouco tímido e levemente polido. Idade incerta, mas para cima de 30 anos.

Ele: — Foi uma surpresa para mim — e uma honra — receber-me nesta intimidade...

Ela: — Trabalhava, mestre, quando lhe telefonei?

Ele: — Sim, talvez... Folheava um velho codice gotico... Mas, que valerá a beleza dum velho codice gotico em face do esplendor dos seus olhos?

Ela: — Sempre poeta, meu amigo. Lembra-se, porém, de que uma mulher casada está ao abrigo da inspiração dos poetas...

Ele: — Minha senhora, ignorava completamente que fôsse casada; tenho ignorado tudo de si até ao momento delicioso da minha existência, — tudo, menos que a sua voz era deliciosa, mesmo pelo telefone. Foi preciso que a sua generosidade me chamasse a esta sala encantadora para eu saber que a musica da sua voz é irmã do sol que brilha nos seus olhos...

Ela: — Meu querido amigo, não foi a minha generosidade quem o chamou; foi o meu amor pela aventura e pelo risco, e o meu interesse pelo mestre da nossa literatura, consagra-

do pelo coração de todas as mulheres. Tem amado muito, não é verdade?

Ele: — Nunca se sabe ao certo, minha querida amiga, quando o coração ama... Se alguma vez o meu coração amou, parece-me que esse amor foi apenas o prenúncio dum outro amor mais alto, mais puro e mais belo, que neste momento entrevejo na confusão do meu espirito... (Vendo que ela toma uma expressão séria). Perdão, minha querida amiga. As minhas palavras surpreendem-na; mas repare que eu sou o poeta que, pela primeira vez na sua vida, encontra a musa capaz de lhe inspirar versos que nunca foram escritos...

Ela (sorrindo): — Não é surpresa, mestre, o que sinto. É tristeza, apenas tristeza, por não o ter conhecido mais cedo. E a sua voz que me perturba, são as suas palavras que me prendem...

Ele (pegando-lhe na mão e beijando-lha): — Como as suas mãos são doces... Lembram arminho na leveza, neve na brancura, pétalas de rosa no perfume...

(Ela cerra os olhos, numa atitude de abandono. O decote largo mostra um seio tumido, dum carnação de Rubens.)

Ele: — Sinto-me tão feliz, junto de si...

Ela (abrindo os olhos): — Meu bom amigo, emo as suas palavras me confortam... Não calcula o que o meu coração sente neste momento... Ter longe, muito longe, meu marido, e a meus pés, ajoelhado, quasi em adoração, o mestre da nossa literatura, o idolo das mulheres, um dos mais ilustres ornamentos da Academia... Quer vêr como o meu coração salta? (Ele põe-lhe a mão, levemente, sobre o seio). Sente, meu amigo? Faça um pouco mais de pressão... Vê? Nunca pensei ser capaz de semelhante loucura...

(Ele beija-lhe de novo a mão. Quer, em seguida, beijar-lhe o braço, um pouco acima do pulso.)

Ela (libertando-se): — Não, meu

amigo, não! Que imprudencia! Eu perco a cabeça consigo... E o meu marido ama-me... adora-me... Fumemos antes um cigarro, sim?

Ele (facitando a cigarrilha que ela lhe oferece): — Oh! se ao menos estes deliciosos momentos pudessem repetir-se...

Ela: — Vous marcher trop vite, mon cher ami... Veremos, em todo o caso... E depois, a sua celebridade é comprometedora; o seu nome anda em todos os jornais; o seu retrato também: — toda a gente o conhece...

Ele: — Farei todos os sacrifícios por si, correréi todos os perigos para conquistar o seu amor...

Ela (mudando subitamente de tom): — Sabe que tenho um capricho a satisfazer?

Ele: — Tudo farei por si.

Ela: — Gostaria de o ouvir dizer versos meus. Consente?

Ele (modesto): — Os meus pobres versos não são dignos do esplendor da sua beleza!

Ela: — «Flatteur»! (Pondo-se de pé e levando-o para o fundo da sala). Vá. Daqui. Eu ouvi-lo-hei de longe. A musica ouve-se sempre melhor de longe...

Ele: — Oh, mas vai sofrer uma decepção... Enfim! (Recitando, como um aluno do Conservatorio):

«Amigos, corri mundos, andei por toda a terra,
Beijeí bocas na paz, abri chagas na guerra,
Ouvi muita comedia, amei muita mulher,
E fiz versos d'amôr como um doido qualquer.
Em negocios d'amôr nunca tive um revés,
Não por ser quem sou, mas por ser português...
Uma dama eu amei na Flandres, moça e lêda,
Com sinais pelo rosto e anquinhas de seda,
Confessou-me, depois de côrar duas vezes,

Que teria um certo sabor, o amor dos portugueses.»

Ela (entusiasmada): — Bravo! Mas isto é sublime!

Ele (voltando para junto dela): — Generosidade do seu coração, minha doce amiga...

Ela: — Ouça, meu querido Mestre. Acabo de ter uma ideia feliz...

Ele: — Todas as suas ideias são felizes, minha boa amiga...

Ela: — Descubri a maneira de o ter muitas vezes junto de mim, aqui em casa, sem que ninguém suspeite das nossas relações, nem mesmo meu marido...

Ele: — Ideia sublime, mais do que feliz... Antecipadamente beijo as suas mãos d'arminho e rosa.

Ela: — A literatura será o pretexto. Darei todas as semanas uma recepção literaria. O meu querido Mestre, com o seu prestigio presiderá á festa. Convidarei algumas amigas, interessantes, que ficarão encantadas com a ideia de o verem e de o ouvirem de perto... Aceita?

Ele (curvando-se): — Da sua boca, até a sentença de morte...

Ela (levantando-se e estendendo-lhe a mão, que ele beija): — Fica, então, combinado. Eu o avisarei, depois, pelo telefone...

(Ele sai, e á porta do salão curva-se numa ultima reverencia. Uma criada espera-o, para o acompanhar.)

Descerrando um repulido véu, que a encobria, surge uma figura de mulher: Margarida, irmã de Madalena, tão bela como ela, rindo num riso fresco de quem acaba de assistir a uma solene mistificação.)

Madalena (voltando-se e acompanhando a irmã na sua alegria): — Ouviste tudo?

Margarida: — Ouvi — e vi. Único! Nem um beijo!

Madalena: — Filha, quando eles chegam á Academia, já estão todos neste estado...

Carlos d'Agulva.

A caça aos rôlas



As galgas



O mascara de ferro

—Vamos a isto, rapazes!— bradou a meia voz o chefe; e logo os do bando se entregaram á pilhagem.

Passava-se isto no 3.º andar dum prédio das avenidas novas. Os locatários estavam ausentes. Por baixo, no 2.º andar a família. Esteves era sobressaltada, ás tantas da noite, pelo ruído estranho que vinha de cima.

A princípio, sentiram passos, cauleiros, vozes abafadas, um arrastar de móveis imperceptível; depois, uns ruídos crescentes, blasfemias, baques de corpos, e um desabar infernal de louças e vidros que parecia o fim do mundo.

Verdadeiramente apavorados, a família Esteves abandonou o domicilio e veio á rua chamar por socorro.

Era madrugada. A policia, posta logo em campo, estabeleceu o cerco ao prédio, vigiando cuidadosamente todas as vizinhanças por onde os meliantes se podiam escapular.

A audacia dos bandidos era tal que alguns deles se exibiam descaradamente ás janelas, tendo sido visto distintamente um que trazia o rosto coberto por uma mascara, semelhante á usada contra os gazes asfixiantes.

Todos eles calçavam luvas negras e eram de respeitavel corpulencia.

Logo de manhã, uma brigada de agentes, sob o comando dum arguto e destemido chefe, subiu á casa assaltada.

Com as maiores precauções, pois que se tratava dum numeroso e arrojado bando de malfeitores, a policia bateu á porta e intimou os bandidos: — Mãos no ar e abram a porta!

— Mãos no ar e abram a porta! ? !... Um silencio profundo, de dentro e de fóra, da autoridade, até que uma voz quasi imperceptível, atalhou:

— O meu chefe! Com as mãos no ar como podem eles abrir a porta?... — Fala baixo... Tens razão...

— Abram a porta... e mãos no ar! — voltou a intimar a voz potente do chefe.

A mesma expectativa e o mesmo silencio.

Finalmente, arrombada a porta, os agentes entraram de tropel, de armas aperradas, e passaram busca á casa.

Estava tudo remexido, arrombado roubado! Gatunos, nem um!

Então o chefe, revestido da sua categoria, de ponderação e gravidade, sentenciou aos seus subordinados:

— Sabem vocês porque é que eles já cá não estão?... Porque os não agarrámos?!...

— ... Porque fugiram!!!...

Marido e mulher

Ela: — Não preciso de comprar toilettes. Espero pelo final do concurso de adivinhas do *Diario de Lisboa*.

Ela: — Ora até que enfim que advinhaste uma coisa boa.



Ela: — Olha que eu não sou tão parva como pareço...

Ela: — Tanto não...

O MUSEU DA FELICIDADE

Com certeza que isto foi por causa dos lindos olhos da senhora D. Felicidade...

Porque, ontem de manhã, para disfarçar o meu grande amor pelos olhos da minha querida vizinha, rebusquei o tom mais natural da minha voz e disse:

— A D. Felicidade está a pedir museu...

Ora, com certeza, foi devido a esta observação, que eu esta noite tive o seguinte sonho:

Havia um lugar no mundo, (creio que no fim de algumas carreiras de avião, a preço reduzido) em que todo o mortal poderia certificar-se, tal como no aquario Vasco da Gama, da existencia do cavalo marinho e da tartaruga, podia certificar-se dizia eu, que metidos em redomas e com varias etiquetas existiam igualmente para o contemplação dos curiosos, variadas especies de homens felizes. Chegava-se de avião ou quem queria alugava um camelo, e no fim da viagem, apareciam varios cicrones, com todas as precisas indicações para podermos ver as autenticas raridades.

— Poderia ver, o raro exemplar de um homem feliz com a sua sogra... Também está hoje patente ao publico, o feliz jornalista que nunca meteu vales...

E de todas as partes do mundo vinham turistas contemplar as maravilhas deste museu da felicidade.

Andavam então pelo mundo, agentes americanos e judeus, adquirindo pessoas felizes, para enriquecimento das preciosas colecções.

A aquisição de varios exemplares para a galeria dos artistas fóra a mais

dificil. Os artistas teimavam em gostar da volupia do seu tédio, das delicias da sua amargura, e não havia maneira de arranjar um artista feliz, para as colecções do museu, que, neste particular, foi vitima de algumas fraudes.

Enfim. Após porfiados esforços a Empresa de Felicidade Humana Limitada, conseguiu com o respectivo museu, dar ao mundo a famosa lição de que os mortais possuíam na terra, com a promessa de varias sucurais, um artistico deposito de homens felizes, para exemplo e estímulo de muitas criaturas que teimavam em considerar a felicidade como um bem impossivel.

O meu sonho, proseguiu, de um modo confuso que não vos posso descrever, mas consegui fixar este pormenor:

Um dia á porta da minha vizinha D. Felicidade, appareceu um automovel com um estrangeiro e algumas malas, como num atelier ambulante de operadores cinematograficos.

A que vinham aqueles homens? Vinham buscar a minha vizinha para o museu. Não havia no mundo ninguem como D. Felicidade, com mais adoradores e, por esse facto, ella deveria ser muito feliz.

Momento de angustia. A minha querida vizinha, ia partir, para... a colecção de um museu.

Mas nisto, surge a mãe, diz aos agentes do museu, como se falasse de um rico e raro exemplar.

— E quanto é que os senhores dão?

Foi nesta altura que eu acordei banhado em suor.

A influencia do "Super"

A nova rivalidade entre o Teatro e o Cinema vai tomando o aspecto das velhas rivalidades entre: o Cão e o Gato, *Seculo e Noticias*, Brito Camacho e Carlos Pereira, etc., etc.

O Teatro, nos seus reclamos, bem anuncia os espectaculos de: «Grandiosas atrações», «Monumentais triunfos», «Colossais successos» e «Assombrosas creações»; mas vem de lá o Cinema e logo lhe atrai com os «Super-films», as «Super-produções» e as «Realizações super-visionadas», que é da gente ficar super-apalermado! E o Teatro fica-se com as suas duas sessões ás moscas, quando podia muito bem contestar-lhe, annunciando que tambem tem Super...lor, que é mais barata que as cadeiras, e que tem muitos artistas Super...fluos que podia ceder para o Cinema, e assim é que mostrava a sua Super-ioridade!

Mas esta rivalidade trouxe como consequencia a invasão do Super, e assim todo o commerciante anuncia já os seus artigos abusando da tal palavra, pelo que ainda ontem vi annunciando um Super-gramafone. Não me admirara, pois, se quando me dirigis ao meu sapateiro, que é quem super...intende na arte coiracea lisboeta, este me apresentar uma Super...bota que me deixe maravilhado!!

E depois disto só me falta que os meus leitores me esmagem, no fim da leitura, com um:

— Ora Super...botas!



— Então você foi ás compras com as mãos tão sujas?

— Não, senhora. Eu levei luvas.

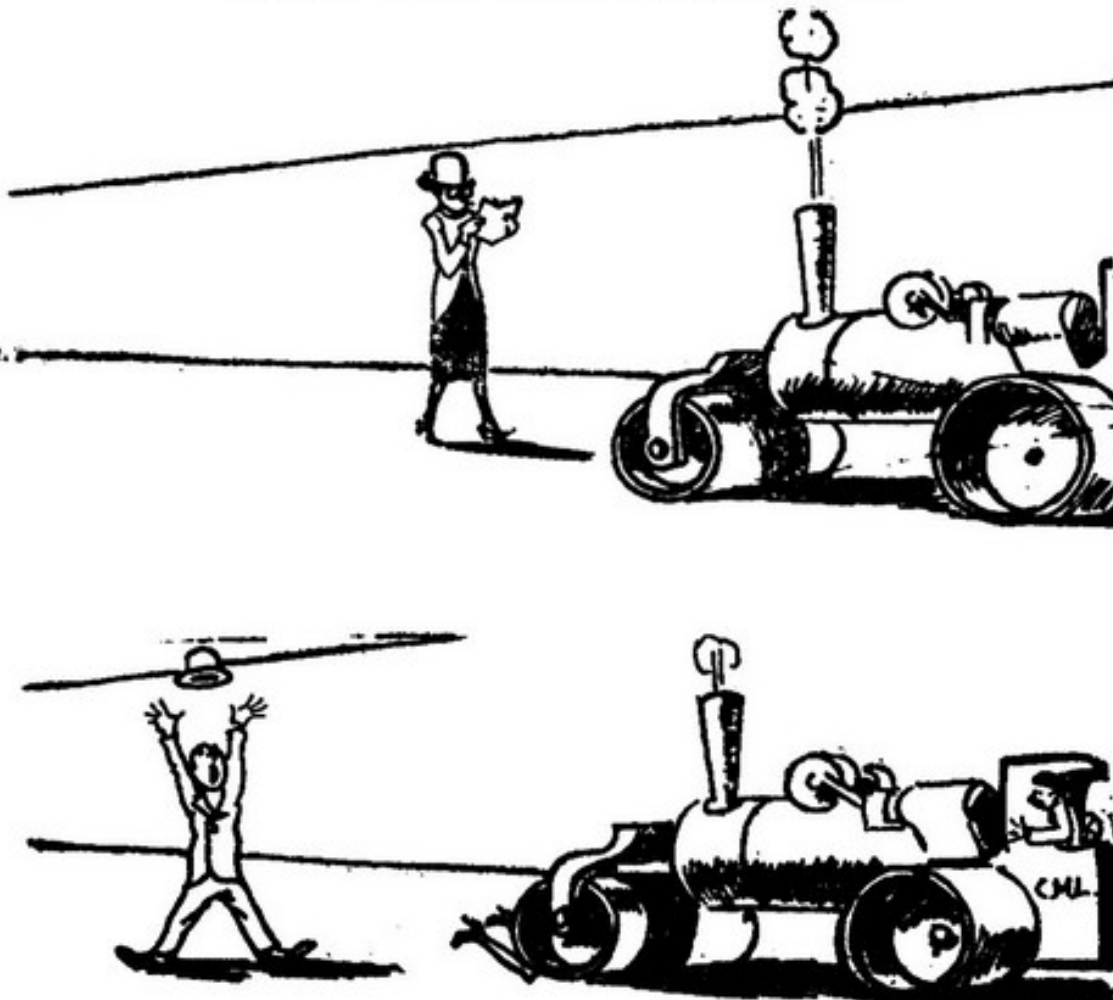


— O meu patrão disse-me que não voltasse á loja sem ter recebido esta factura...

— Pois foi uma maneira delicada de te despedir, meu rapaz!...

HISTORIA MUDA

TUDO TEM O SEU PRESTIMO



Falar para o céu ou o "Conto de Nosso Senhor"

Dum jornal de S. Paulo, que não sabe que é humorístico, recortamos, para deleite dos nossos leitores, o seguinte:

João de Camargo conversa frequentemente com S. Pedro. Daí os seus milagres. O patranheiro, com uma simplicidade que chamaríamos ingenua se não fosse cínica, trava, por invisível telefone, demoradas palestras, curiosos diálogos com o chaveiro do céu. Um desses diálogos foi ouvido por uma senhora desta capital que ali havia ido buscar alívio para uma enfermidade qualquer. Ouvindo a consulente, Camargo passou-se para um tabique:

— Alô! liga para o céu...

Dois minutos de espera.

— Pronto! Quem fala? Ah! é S. Pedro? Benção, S. Pedro. Como vai o senhor? Tá bão? Eu? Vou vivendo assim, assim...

Faz-se curto silêncio. (Anciosa, a consulente aguarda). E recomeça Camargo:

— Escuta, S. Pedro, o Cristo "faci" ah! Mais tá muito cupado mêmô? Diz prá ele que só eu. Num vê que si trata de um caso grave, é uma doente que tá cum peréba e tem fé de se curá.

Agora o silêncio é mais demorado. Torturada por essa espera, presa de indescritível ansiedade, a consulente espera que se recomece o diálogo de Camargo.

— Ah! é Nosso Sinhô? Benção, Nosso Sinhô, que eu tô cuma doente de peréba que tá passando mar...

Um segundo de espera. E recomeça:

— Ah! sei, sim. Tá bão. Muito obrigado, Nosso Sinhô. Me disculpe mais era caso urgente. De qual garrafa mêmô? Da grande? Ah! sei... da pequena támem? Tá bão, sua benção, Nosso Sinhô.

E a doente saiu com duas garrafas de água do ribeiro «Água Vermelha». Até hoje está doente. Não tinha fé, como dirá talvez o esperto João de Camargo...

Isto leva a palma ao conto do vigário, porque é o conto de S. Pedro, ou o conto de Nosso Sinhô, a que naturalmente nem falta o maço de notas, com a diferença, porém, de que as notas não são feitas de pedaços de jornal e quem as dá é a cliente que vai no conto.

Novela do "Fixe"

Policarpo Capucho era, no seu méter, um industrial especialista em vidros para claraboias. O segredo que fez a sua fortuna consistia na aplicação de um certo líquido sobre a vidraça, de maneira que, quando apertava o calor, uma vez colocados os vidros, era um ar que lhes dava, deitando, a seguir, as culpas para a *Marinha*, não a de *Guerra*, mas a *Grande*.

Uma chuva de pedra ou uma revolução, para o Policarpo, era um extraordinário que metia, após a borrasca, um passeio a Sintra e uma joia para a mulher.

Como tivesse comprado uma quinta e o negócio dos vidros marchasse por si só, lembrou-se de montar uma nova indústria e essa foi a do fabrico de manteiga.

Sólidos negócios com artigos pouco resistentes era o seu lema.

Neste caso, o vidro e a manteiga andavam a par.

Dentro de pouco tempo, todos os seus conhecimentos, amigos e vizinhos, comiam a deliciosa manteiga das propriedades do Policarpo.

Passou-se o tempo e ele, desgostoso por a mulher deitar fora tanto leite desnatado, disse para ela:

— O' filha, olha que assim a mecha não dá para o cebol! O vidro é como a manteiga. As esquirolas dos vidros, isto é, o que resta, vende-se para o sapateiro; portanto, porque razão do que sobeja da manteiga não se faz dinheiro?

E, com uma determinada receita, d'oravante, os fiscais, por mais que tirassem as amostras do leite do Policarpo, nunca puderam multá-lo porque o *pesa-leite* dava-o por optimo...

— Segredos... Isto vai bem... E se nós fizéssemos queijos? — disse ele para a mulher.

Em breves dias, seguindo a *cegarra* popular *Da sardinha faz menina, da menina faz viola*, o bom do Policarpo do leite fez manteiga e do leite sem nata uns queijinhos redondinhos, brancos de neve como pedras de moinhos.

Uma caixa deles foi imediatamente consignada a um merceiro da cidade que, mal os viu, felicitou o Policarpo pela boa aparência e lhe garantiu, pela amostra, a venda de toda a produção.

Ao lado da mercearia havia uma loja de sola cujo dono, ao passar pela montra da mercearia, repontou com os queijos. Entrou e mandou embrulhar uma dúzia.

— São para *curar* — disse ele ao merceiro. — Eu gosto deles rijinhos.

.....
Dias depois, o merceiro recebia re-

clamações de todos os fregueses de queijos. Uns diziam que eram azedos, outros que não sabiam a leite, outros mais exaltados insultavam-no, chamando-lhe ladrão.

Por sua vez, o merceiro reclamou energicamente, o que levou o Policarpo a suster imediatamente o fabrico.

Eu já estava á espera disto... Era esticar demais o negocio! — dizia ele para a mulher.

Ora o unico que não tinha reclamado foi o visinho do merceiro, o da loja de sola, que lhe comprara uma dúzia, o que não era para admirar, visto que os queijos ainda estavam a *curar*... Mas um dia em que ele calculava que os queijos já estivessem na conta, tirou um para o almoço e — oh espanto! — não havia faca, dente ou martelo que entrassem com eles! Eram mais duros que o pau do ar!

Nesta altura, entrou uma freguesa, muito pressurosa, a pedir atacadores e tacões de borracha.

— Atacadores tenho — disse o homem da loja á freguesa — mas tacões para esses saltos é que ha de ser difícil.

— Ora essa! — retorquiu a freguesa. — Então o que é aquilo que está ali?

E apontou para os queijos.

— Eureka! — disse para si o homem da sola. Já não perdi o dinheiro todo...

E, voltando-se para a freguesa, amavel, objectou:

— Se V. Ex.^a quizer esperar um instantinho, é só fazer-lhes os furos...

E, com uma broca, no interior do estabelecimento, furou um par dos tais queijos, deu dois parafusos á freguesa e recebeu cinco escudos...

.....
Uma semana depois, o nosso negociante de sola passou pelo estabelecimento do visinho e entrou. Ao merceiro caiu-lhe a alma aos pés...

— Não se affija — disse-lhe o merceiro — eu dou-lhe o dinheiro dos queijos... Já vê... A gente compra ás vezes os artigos de boa-fé...

— O' homem, não gaste mais palavras, o que eu quero é que você me arranje aí dois centos deles...

— O quê?!

— Já lh'o disse. Se quizer dinheiro adiantado, diga.

— Você está a chuchar comigo?!...

— Não estou tal... Encomende ao homem dois centos deles, mas com uma condição. E' que já devem vir secos e com um furo no meio.

Tableau!

Barbosa Junior.

Uma mania

Todos os dias, após a hora consoladora do jantar, os três amigos eram certos á mesa, sempre a mesma, do café. Vieram, porém, os meses caímos, a época em que Lisboa se muda para as praças, para o campo, para qualquer parte onde o calor seja menos e o ar seja mais puro e entre muitas mesas abandonadas do café, contava-se aquela aonde os três amigos eram certos, após a hora consoladora do jantar...

Eram, porém, três homens de negócios e para os não transformarem, eilos de regresso á capital, após um curto mês de repouso da labuta diária.

E' já de volta e de novo tranquilamente sentados em frente das chavenas fumegantes, que os vamos encontrar, trocando impressões sobre as diferentes terras donde vinham de regressar.

— Eu estive na Curia, — disse o primeiro — e venho encantado! Uma estancia divina, uma gente distintissima! Tanto que regressei eu, por ser preciso no escritorio, mas ficou lá a minha mulher, sosinha no hotel, a passar mais dois meses! Não estava certo, por eu ter de voltar, obrigá-la a acompanhar-me, quando se sentia tão bem...

— Exactamente como eu! — disse o segundo. Sentia-me tão bem na Figueira, minha mulher estava tão satisfeita com os bailes, os passeios, os mil atractivos que nos cercavam, que ficou lá, igualmente, mais dois meses. Eu voltei só, mas estou satisfeito, porque calculo que ela deve lá estar divertidissima...

E' doida por dançar, e, segundo ela diz na ultima carta, o casino tem estado esplendido!

— Pois eu — disse, por sua vez, o terceiro dos amigos — estive no Buçaco, mas minha mulher voltou comigo...

— E's um egoista! disseram em unisono os dois amigos.

— Palavra de honra, que não! — explicou o outro. Eu disse-lhe a ela que ficasse, que não se prendesse por minha causa, mas ela coitada tem aquela mania de não querer dormir com ninguem, senão comigo...

Anibal Nazaré



Num corredor do Patio do Torel, uma pia de agua benta serve agora de... escarrador!



O poder dos rifões



A vingança do Vinho Tinto

Não estou bem certo se quando nasci mamel, e não estou certo porque nunca gostei de leite, mas o que afirmo é que desde essa data consegui sempre ser muito galhofeiro, muito bebedor e muito trapalhão.

Posto isto, cá me tenho sempre mantido no meu posto, sem promoção bem sei, mas na expectativa de que a reforma se não faça esperar, representada sob a forma de uma pipasinha do palhete de Tomar... até cair.

A minha vida a bem pouco se resume. Fui assíduo de todos os ministerios em que Bacho era Director Geral e Venus dactilografista. Entrava ali como em minha casa, sempre acompanhado de alguma petição a fazer a Venus, ou uma «piéla» a que Bacho pusesse o «visto». Nunca o deferimento me foi negado, pelo que a ambos ainda mui grato me confesso.

Como esse tempo vai longe. Hoje, sou um velho alquebrado — sem ser daqueles velhos alquebrados do sr. Ismael dos Santos Andrea, e a propósito vem a aconselhar que para os ultimos o melhor é uma fundação... matematica — somente, hoje, repito, consigo a velha meta lata, e foi por causa dela que cortei relações com a D. Venus, sob o pretexto de que a minha lata já precisava de varios pingos!

Pois bem, a ingrata, essa lata que eu tanto amei e que devotadamente conservava, qual lampadario a Bacho, sempre preenhe do tal palhete acima citado, quiz-se um dia vingar de mim.

E constatei então que a vingança fóra inedita, fenomenal. Ao fim de oitenta anos de imperturbavel fidelidade, ela, a ingrata, sim foi ela, só ela, e mais coisa nenhuma, que me pôs os cabelos todos brancos...

E vá lá a gente fiar-se no vinho tinto...

Silva Tinto.

BISCAS...

Queres contar-me a outrance
Teu viver piedoso e raro...
— Já li isso num romance —
N'O Crime do Padre Amaro...

Mulher solteira suspira...
Chora a viuva: Ai, Jesus!...
Só a casada respira
Com tal fé — que apaga a luz...

A todos trazes aos pés...
A mim, porém, nem me alteras...
Todos sabem quem tu és...
Mas só eu sei quem tu eras...

Esse teu marido austero,
Pançudo, traste, rafeiro,
Ao pé de ti, lembra um zero
A' esquerda dum num'ro inteiro...

Podes dizer á vontade
De mim o mal que quizeres...
Que grata celebridade
A da boca das mulheres!...



Cronica dos Tribunaes

Na Boa-Hora respondeu ha dias um individuo acusado de ter cometido um delicto de pouca monta. O novel advogado fez um discurso deveras notavel que merece as honras de ser registado nas columnas do *Sempre Fixe*.

Começou assim o douto advogado a sua magistral oração:

«Senhor doutor juiz: — V. Ex.^a sabe tão bem como eu que mandar um réu condenado para o Limoeiro é nem mais nem menos do que pervertê-lo!»
Sensação no auditorio.

«Ponha V. Ex.^a na sua ideia um lindo campo florido, todo cheio de ervinhas lindas e verdejantes, mas que, em dado momento, vem o vento mau e intempestuoso e bate numa dessas ervinhas que estejam com variola, e como ela está assim vai indubitavelmente contagiar todas as outras!»

O juiz olha para o réu e fica comovido com tão forte verborreia do seu patrono. Alguns advogados que se encontram assistindo ao julgamento abraçam o ilustre orador.

Por fim, o juiz absolve o réu. Um grupo de amigos do brilhante advogado, querendo demonstrar a sua muita admiração pela inteligencia do novel colega, vai mandar-lhe imprimir o discurso num folheto que será distribuido de graça a todos os frequentadores da Boa-Hora.

Faz parte da comissão o dr. Mario Monteiro, o dr. Caetano Pereira e o dr. Ramada Curto.

Outro julgamento:

O presidente do tribunal interroga um individuo acusado de homicídio... O réu é acusado de atirar o seu companheiro dum andaime á rua, da altura dum 6.^o andar, causando-lhe a morte.

Queira explicar os motivos que o levaram a precipitar o seu amigo...

— Foi ele que m'o pediu!

— Isso é inacreditavel...

— Eu vou demonstrar a V. Ex.^a a verdade da minha afirmação...

— Então diga!

— Estavamos questionando. A certa altura, eu enfureci-me, agarrei-o pelo pescoço e levantei-o ao ar, quando então ele gritou:

— Larga-me! Larga-me! Larga-me! Eu larguei-o imediatamente... Eis o que se passou.

* * *

Outro julgamento. O juiz interrogando o réu para efeitos de estatística:

— Quais as produções agricolas predominantes no lugar onde residia?

— Abobora-menina...

— A situação economica de seus pais?

— Tem muitos ossos e trapos apalhados nos caixotes de lixo...

— Sofre de paludismo?

— Tive sezões em pequeno...

— E' alcoolico e tuberculoso?

— Bebia uma pinguinha de vez em quando, mas coisa pouca.

A MODA



GONTOS AMERICANOS

Um habil cirurgião

No dia em que W. Plunkett, o milionario da 2.694.^a Avenida, pediu a mão de loura e linda miss Annabel, esta respondeu afirmativamente, com o melhor dos seus sorrisos.

Não que Annabel estivesse encantada com aquele noivo de setenta anos... Mas esperava que o seu vetusto consorte passasse depressa para um mundo melhor, deixando-a: — a mais rica e a mais joven viuva in the world.

Infelizmente, ao fim de doze meses de união, verificou que Plunkett não era um gentleman, pois continuava de esplendida saude.

A loura Annabel compreendeu que era necessario tomar uma resolução energica e imediata. E tratou de convencer o marido de que ele estava doente — e da urgencia de consultar um medico.

Após seis semanas de resistencia, Plunkett consentiu em chamar o celebre professor Mac Quico, de Chicago.

Mas Annabel não tinha sorte! O milionario saiu indemne dessa perigosissima aventura. E os honorarios do famoso Mac Quico diminuiram de 50.000 dollars a fortuna que a joven esposa desejava herdar.

De modo que resolveu mudar de medico. E conseguiu descobrir, num 48.^o andar da 67.494.^a Avenida, um cirurgião japonés chamado Tchaph-Hito, muito afamado entre as viuvas consolaveis de Nova York pela sua destreza em enviar para o outro mundo os maridos riquissimos e indesejaveis. E parece que o não fazia de proposito...

Chamado o japonés, este declarou que, após uma intervenção cirurgica, complicada mas inofensiva, de 650.000 dollars, tudo iria pelo melhor, no melhor dos mundos possiveis.

— «E' caro!» — afirmava o milionario. Mas Tchaph-Hito replicou:

— «Só receberei os 650.000 dollars desde que a operação tenha bom exito.»

Annabel estava radiante. E convenceu o marido a aceitar tão interessantes condições.

Mas deixou de estar radiante quando, oito dias após a intervenção cirurgica e a consequente morte do milionario, o japonés lhe apresentou a conta.

— «Perdão! O senhor afirmou a meu marido que só receberia o dinheiro se a operação tivesse bom exito...»

— «E' exacto. E por isso mesmo eu não recebi dinheiro dele, porque, para ele, a operação não teve bom exito. Mas a senhora é que já não pode dizer o mesmo...»



Plenar da Gloria In illo tempore...

Anacle nesse incoerente e desobediência crítica, sem albarda e sem licença dos verbaleiros, mandou-nos a segunda dose das suas impressões. Desta vez atira-se à escultura, lamentando — ele o diz e nós abstermo-nos de o contrariar — que ha muita pedra na Sociedade Nacional de Belas Artes, que devia ser empregada, com mais propriedade, no catetamento das mas, Ordem arbitrária:

Diabo de Mucelo. — Uma Aspazia decapitada e iracjante, que cheira a savaço e está a pedir banho com creolina. E' pena não se lhe vê a cara. Se é como o resto do corpo, fóra o sapozinho, é dum homem perder a cabeça...

Leopoldo de Almeida — Um fauno peludo que com um depilatorio ficava mais bonito. O bicho-homem está um pouco atrapalhado de fisionomia. Seria alguma necessidade urgente que ele quer aliviar?... A *homocagem postuma*, além do tanto, tem um simbolo posterior. (Podese ao respectavel publico para ver a estadia de costas, mas sem se encostar).

Bibi Tejo Gama — Uma máscara mortuaria do punter Agarro, cujo talcamento os jornais ainda não aumentaram, e uma *Salomé*, dividida em duas partes: do tronco para cima, magra como um espeto; do tronco para baixo, gorda como uma abóbora. E' para contentar os apreciadores dos dois generos. Recomenda-se este exemplar de famosa a Madame Campos, com consultorio da Faculdade na Av. da Liberdade.

Salvador Tejo — Agarrou no ultimo apollo e estampou num antropopitons, que ele designou como o *Principe Caracal*. Ainda dizem que a raça precisa de *Vespeff*... Vejam a estadia, seus veneráveis!

Costa Mota, Sr. — Ora o deleito para o *gallito*? Naquela mão da figura) já devia ter mudado a noção.

Cesar Barreiros — Um jogador de *football*. A posição e má. Se está a defender os pés e qual com coiteza.

Julia Silva — Um burlinho em bronze. Quem seria? Coloca ou escritor? O retrato e tão parecido. Convidamos o artista a tirar as impressões digitais no animal e remette-las par a Posto Restante, T. Z. C. Y. H. Sabem quem é?... Nem nos... Ou por outra: somos todos!

Eramos trinta e quatro os da turma. Trinta e quatro garotos preocupados em aprender, mas mais ainda porque as aulas durassem pouco.

Agora, que vão passados vinte anos, não é tarefa facil recordar os nomes de todos os que compunham essa turma do velho liceu da Lapa. Nem importa.

Ao caso, apenas convém recordar os nomes do Luis Reis Santos, meu companheiro de bancada, e o do professor Jaime Waddington — pessoa de espirito, embora por vezes cortante, como aquele que applicava ao meu condiscipulo Portugal de Lemos, a quem, pela sua cabulice, ele transformou em Cacilhas... de Lemos.

Jaime Waddington, a proposito de tudo, tinha uma historia, um trocadilho bem arranjado.

Recordo até que, uma tarde, vendo o Paço Vieira cumprimentá-lo, retrubiu assim a saudação:

— Como *pássou* Vieira? *

Pois uma manhã, na aula de geografia e historia que Jaime Waddington regia, eu e o Reis Santos, com uma flagrante falta de apreço pelas expliações do mestre — conversavamos.

Waddington notou-o e mandou-nos subir ao estrado.

— Ora — começou — os senhores sabem que eu tambem sou professor de matematica?!

— Sim, senhor.

— Pois bem! Diga-me o senhor Figueira qual é a metade de oito.

— Quatro.

— Muito bem. Agora o sr. Reis Santos.

— Quatro.

— Optimo! O senhor Figueira escreve um 8 no quadro. O senhor Reis Santos divide-o ao meio. Bem! Bem! Quanto fica, sr. Figueira?

— Zero!

— Quanto fica, sr. Reis Santos?

—Zero!

— Pois... E' metade para cada um. Vão para os seus lugares...

E Waddington, puxando da cadereta, ferrou-nos duas simpaticas *zarcetas*.

Passaram-se dias. Nova aula de geografia e eu... sem saber patavina. Jaime Waddington, porque me achou, com toda a certeza uma pessoa simpatica, resolveu chamar-me á lição naquela tarde.

Fiquel a tremer. Mas tive, em compensação, esta saída que me salvou:

— Peço a V. Ex.^a que suponha que eu faltei.

A proposito, vem agora uma anedota. Será uma imitação duma outra do *In illo tempore*. Mas deixá-lo.

Um lente duma escola superior Embirrava bastante com certo aluno. Sempre que o chamava dava-lhe, por isso, a resolver problemas difficilimos.

Um dia disse-lhe: — O senhor é o ministro das Finanças e quer contrair com os Estados Unidos um emprestimo de trinta milhões de *dollars*. As receitas do Estado são tanto. As despesas, tanto. A divisa cambial, tal, etc., etc. Resolva agora o problema.

O aluno aproximou-se do quadro e começou a fazer as suas contas.

A certa altura, porém, flinha tudo embrulhado e já não sabia o que fazer para a resolução do problema.

Diz o lente:

— O senhor esteja sereno. Ora vamos ver as suas contas. Vamos lá... O senhor quer contrair um emprestimo de tantos milhões. O senhor e o ministro das Finanças. O que fazia?

— Pediu a minha demissão.

Luiz Figueira.

HISTORIA RURAL

O TONEL ENCANTADO

Os habitantes daquela aldeia gostavam muito do seu cura.

O sacerdote era, aliás, digno da sua popularidade.

E, todos os anos, pouco tempo depois das vindimas, era uso a aldeia ir oferecer vinho novo ao excelente cura. Cada habitante tirava da sua produção um bable de vinho e ia discretamente deita-lo num tonel reservado para esse fim, na cave do presbiterio.

O ano passado, as vindimas foram más. E os aldeões encantaram com menos entusiasmo a sua manificencia tradicional.

Contudo, como nos anos anteriores, foram, cada um por sua vez, levar a sua oferta á cave do padre.

Quando o tonel ficou cheio, o cura decidiu ir provar o vinho.

Enche um copo. Prova, recolhidamente, o nectar.

Oh! Espanto! O tonel continha agua pura!

Não julgarem que um milagre se produzira, metamorfos-cando em agua o sumo da uva. A explicação era mais simples.

Cada aldeão fizera o raciocinio seguinte:

— «A minha vindima é fraca... Por esta vez, vou deitar um bable de agua no tonel do cura. Como os outros deitam vinho, não se notará a diferença.»

Todos pensaram do mesmo modo. E ao bom cura, restou-lhe filosoficamente a consolação de utilizar a oferta nas pegs das flores do seu jardim...

Quadras

para o outro mundo

Chorai, ó gatos pingados, porque, em breve, os funerais são municipalizados para todos os mortais.

Vão dar o ultimo arranço o Magno mais o Milheiro, dá um ar no Pires Branco mais ao Alves sangathreiro!

O leitor, quando morreres, terás a comodidade de ir's num *Morris* pra os Prazeres na primeira velocidade!

A razão desta medida so nos enche de conforto... Pois se és municeps em vida, tens que o ser depois de morto.

Eu quero que o meu caixão leve dos jardins as flores, vistam de luto o Frontão, penham afumos aos varredores.

Torradinhas com manteiga, por cima café e vinho, oh! mas que idcia tão meiga que saiu do Pelourinho!...

Reporteç EB

GIRAFAS



HIPOPOTAMOS



COZADINHO

— Conheço o titulo da ultima obra do Pedro de Sousa?
— Conheço. «A que nunca morreo».
— Creio que é uma obra filosofica.
— Nada disso. E' um livro em que ele faz a historia da sogra.



Coisas que o povo diz...

Que nos dá Deus o frio conforme a roupa diz o ditado; eu sei há muito ano. Quem a ser caridoso não se poupa se quer ser nesta obra mais humano será mais generoso se com brio der a roupa a cada um conforme o frio.

O habito não faz o monge diz o rifão.

mas até se vê bem ao longe se faz ou não.

Se no frado enfiarem as vestes dum soldado, e se neste emvergarem fato dum tonsurado, barbeados a rigor, onde está esse senhor um e outro capaz de distinguir, se da cousa o não forem prevenir e caso os interessados se deixam estar calados?

Quem porfia mata cacá

Se tem boa pontaria ou é caçador de raça.

Vale mais um passaro na mão — se diz — que dois a voar!

Não é dessa opinião a ave que se agarrar e as que voam também não!... Quem fica para concordar sendo, factos provados, eles os mais interessados!...

Dever é honra, pagar é bruto...

Eu deste rifão também me riui! Tenho já visto com goso muito ente atrapalhado por não saber se a bruto é preferível ser honrado! E duas virtudes a par é muito difícil encontrar.

Antes que cases

vê o que fazes! Se nisto se raparasse havia quem que casasse?

Quem boa cama fizer nela ao fim se deitará... Nem sempre, p'ra ai qualquer isto vos desmentirá. Boa cama me tem feito muita carinha bofita, mas partilhar desse leito?... Não querem ir nessa fita.

Infeliz aos amôres, feliz no jogo... Mais um que temos que deitar ao fogo! Se fôsse certo assim no jogo p'ra ganhar, quantos podiam á mulher p'ra enganar?

Mesmo que fôsse em verdade á sua cara metade?!

El.



O director de scena: — Mais naturalidade. Assim não morre ninguém. Mas então você nunca morreu?



Um hospede muito tímido

A sr. D. Leocadia, tinha uma casa de hospedes de todos os feitios e tamanhos, e para todos era duma amabilidade extrema. Andava sempre dum lado para o outro, como uma barata, que metessem numa gaiola, com um pé de salsa, julgando-a um grilo. Que era preciso andar depressa, que os hospedes eram muitos, e ela não tinha quatro mãos.

— Oh! D. Leocadia, chegue-me aqui um jarro de agua, berrava o Jacintinho da casa de modas, o preferido da patroa, porque fazia versos muito bonitos. E ele mesmo seria um bonequinho, se não roesse horrorosamente as unhas, habito que lhe viera, quando havia uma rima difficil.

— Esteja quieto, sr. Marques, respondeu, no escuro do corredor, a voz da criadinha, docemente.

A Leocadia sorriu a tudo, contente. Ao jantar havia sempre uma grande animação.

Ora uma manhã, quando alguns hospedes já tinham saído, pensava a D. Leocadia do que seriam feitos os pasteis de bacalhau, quando entrou na cozinha o Gomes, aquele rapaz tão tímido.

Com uma voz de comover os proprios pasteis de bacalhau, o Gomes pediu um copo de agua, para levar para o quarto.

— Pois não, sr. Gomes, e está fresquinha.

A D. Leocadia nunca fizera gosto naquele hospede, um rapaz tão tímido, tão tímido como um peixinho encarnado, que nunca dizia nada, todo metido consigo.

— Oh! D. Leocadia, sempre está um calor. Dá-me outro copinho de agua? — pediu a modo o Gomes.

— Pronto, sr. Gomes.

E depois, o rapazinho, com aqueles aros de santo, não lhe agradava, sempre tão tímido, tão amarelado.

E a boa D. Leocadia fazia pasteis de bacalhau com uma receita só dela.

— Sempre está um calor lá no quarto. Um copinho de... agua, se faz favor.

A D. Leocadia olhou-o por baixo dos oculos. Um rapaz tão tímido a pedir tanta agua. E encheu-lhe o copo.

— Muito obrigado.

— Nem por isso.

Minutos depois, entrava na cozinha o Gomes. A D. Leocadia não se conteve.

— Outro copo de agua? Parece impossivel!

— Se fazia favor... um copinho.

A D. Leocadia limpou as mãos, tirou os oculos e, assentando as mãos nos quadris, perguntou:

— Mas para que quere o senhor tantos copos de agua?

— E' que — balbuciou o Gomes — é que... ha fogo no meu quarto!

O grande exito dos cigarros "Lusos"



Epistolografia amoruda

Modelos para artes e officios

Explica-se hoje «Um mestre de obras»:

«Varandim dos meus encantos:

Quando te vejo á janela, debruçada ao parapeito, dando balança ao teu vulto sobre a cimalha bel-leada dos teus seios enlazados, pela empina do teu rosto sobem meus olhos ligeiros sem precisarem de andaine, e vão ás aguas-furtadas do teu cabelo cor de tijolo, num coche branco de cal e areia do Rio Sêco, armado em pranchas d'amôr, com pregos de galeota e ornatos de gesso fino.

Pela escada de ferro da illusão meu desejo espreita ao beiral dos teus labios, onde os teus dentinhos são os pinzios do caizilho dos teus sorrisos, e na caída frontaria do teu semblante, com a cor metida na massa, a tua lingua é um ornato todo pintado a zarcão.

E então, cá na trapeira, coberta de telha rd, onde ás vezes ha telhas cor-rúdas, desabam os frontais do pensamento e, sem ter fio de prumo, des-cendo ao nível dos brutos, penso em sarrafos e barrotes para deitar abaixo os cachimbos, que ás vezes parecem machas-femcas e cujo olhar afa-ga o teu, sem terem leme nem fechos no portal do seu viver; quera corré-los á trólha, dar-lhes cabo das om-breiras e abrir-lhes no vigaumento um lanternim com o competente algeiroz para correr por ele sangue que en-chesse a caíra de ar, chegasse aos atterces e se bebesse á colher!

Tudo isto, porém, se apega como a cal numa fervura ou um pinga na rútraça, volto a ficar na primada, se ao postigo do meu querer teu olhar vem de esquadria, e as fasquias do teu sorriso fortalecem o tabique desta fragil construção.

Sem ti, meu coração é uma gotê-ra que soluça com a chuva da tris-teza e não dá vazão á alegria; aldra-ba que não dá som, embora se agite

Trabalho muito, sempre á espera que bata o sarrafo, para então os dois ascendermos á clarabela do prazer no bailu dos nossos desejos.

Teu,

Urbano Nascimento Armado.

Pela cópia,

MATOS ALEM.

Quereis dinheiro ?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes !

Razão de peso

O filho para o pai: — Se não con-corres ao concurso de adivinhas do Diário de Lisboa, não adivinhas que conerres para que eu não concorra com a minha presença para o exito da exposição de Sevilha?





O amador de incendios

O Nunes não podia sentir passar um bomba que não deitasse a correr atrás dela. Tinha a paixão dos incendios como qualquer menina amadora do cinema tem a paixão de ir ao Tivoli. Para ele, quanto maior fosse o incendio, melhor. As vidas, os haveres que estavam em perigo não representavam nada para aquele Nero moderno, que todo se comprazia deante das labaredas.

Certa noite, o Nunes tinha andado na pandega com uns amigos e recolhido pacatamente a casa, pelas 4 horas da madrugada, quando as bombas desciam a Avenida apitando furiosamente. O Nunes não pôde resistir e lá foi atrás dela como um garoto. O fogo era no fim da rua 24 de Julho. Ardia regularmente. As labaredas irrompiam com certa violencia pelo telhado e uma fumaceira horrivel não deixava ver um palmo deante do nariz. Montaram-se agulhetas, lançaram-se as escadas, entre gritos, vozes de comando e apitos. A agua esguichava por todos os lados, burrifando uma multidão enorme que se comprimita, contida a custo pela policia.

O ataque, certo, rapidamente dominou o incendio. Dentro em pouco os bombeiros procediam ao rescaldo. E o Nunes, muito aborrecido, meteu-se ao caminho, em direcção a casa.

Ainda não havia electricos, e o Nunes teve de calcunhar todo o Aterro, a rua do Arsenal, a rua do Ouro e a Avenida, porque o Nunes morava na Avenida Duque de Loulé.

Quasi ao chegar á Botunda, encontrou-se com um amigo que ia para o cambão:

— Olé! — fez o amigo — então ainda negra?

— É verdade. Fui ver um fogo na rua 24 de Julho e depois... sem electricos.

— E que faz? — inquiriu o amigo — Que tal foi o fogo?

— Aquilo não estava mau — respondeu prontamente o Nunes — aquilo não estava mau, mas chegaram os bombeiros e estragaram tudo.

♦♦♦♦♦



— Disse o mestre que não se pode vir assim para a officina.

— E não sei porquê, se pelas janelas não se me vê mais do que a cabeça.



— Diz o meu noivo que eu sou a rapariga mais bonita de Inglaterra.

— Patife! Ainda se não casaram e já ele te engana.

Uma adivinha

Ele: — Qual é a coisa qual é ela que cai no chão e fica amarela, furiosa?

Ela: — Uma mulher que não concorre ao concurso de adivinhas do Diário de Lisboa!

Fados, com boa assistência só no Solar d'Alegria.

As poltronas do Manoel Hesitante

Para o Manuel da Silva, o Manuel Hesitante, como lhe chamavam no ministerio, escolher era a pior desgraça da vida dele, aliás tão calma. Se tinha de jantar fóra era uma tragedia. Via a lista, lia os nomes dos pratos e ficava indeciso — como dobrada? E se comesse peixe? Antes a dobrada... Antes o peixe... E o Manuel comia sempre meio bife para não demorar o criado.

No alfaiate era o mesmo. Este corte tambem é bonito... O azul suja-se muito... Mas o cinzento é luto aliviado... E para desempatar o Manuel mandava fazer um fato preto.

Ora, um dia, soube-se na repartição que iam ser pagas as subvenções.

O Manuel começou a pensar o que ia fazer de tanto dinheiro. Qualquer coisa para casa, bem entendido, porque o Manuel era um esposo modelar.

— E se eu comprasse duas poltronas?

Com a idea das poltronas passou pelo Cunha marceneiro e encomendou os moveis. Assim uma especie de amapleza...

Ao chegar a casa disse á mulher:

— Olha, Bibi, para a semana já temos duas poltronas como as do dentista.

— Compraste?

— Não, mandei fazer, ficam mais sólidas.

— Fizestes mal! Então porque não mandaste fazer um sofá?... Cábiamos os dois...

— Tens razão, peidoas, mas ainda é tempo.

E foi escada a baixo, prevenir o marceneiro.

No dia seguinte, no ministerio, disse aos colegas o que tinha feito.

O Fonseca, um egoista gordo, chamando-lhe parvo. Um sofá? E quando um homem quer fazer a sua seneca onde é que encosta os braços?

Então não era melhor duas poltronas, já que ele queria pensar na mulher?

A razão do encosto convenceu o Manuel que na volta do emprego foi pelo marceneiro dar contra ordem.

Em casa explicou á mulher o defeito do sofá.

Bibi, levada em lagrimas, disse-lhe que estava bem claro que ele já estava farto dela, que qualquer dia tambem havia de querer duas camas e depois dois quartos e depois o divorcio...

Bibi a dizer estas coisas chorava como uma Madalena.

O Manuel comovido voltou ao marceneiro. Ia dar o dito por não dito. Nada de poltronas, sofá, sofá...

Mas já fóra da porta ainda hesitou e voltou para dentro consultar o Cunha, que era do améliers.

— Que lhe parece, amigo Cunha? Poltronas ou sofá?

— Sofá, amigo Manuel, sofá... Para seu descanso, percebe?

— Quero dizer, para mim é indiferente... E' lá por causa da Bibi...

Então o Cunha rematou:

— E por sua causa tambem.

Com o feito do meu amigo sendo duas poltronas, nunca o sr. Manuel se sentava. A olhar para uma... A olhar para a outra... Ficava de pé toda a vida.

Exigencia descabida



— O seu petiz póde ficar já hoje, mas amanhã tem de trazer uma enciclopédia...

— Uma quê?...

— Uma enciclopédia...

— Ah!... Não senhor, que venha a pé.

BOM HUMOR

A patroa: — Hoje novamente acordaste tarde, Maria.

A criada: — Para que me hei de levantar cedo, minha senhora? Quebrei as relações com o leiteiro...

Ele: — Onde quere ir gosar este lindo dia de sol?...

Ela: — Se te parece bem, vamos ao cinema...

Num stand:
O cliente: — Quero este automovel e pago já.

O empregado: — Perfeitamente, mas tem que prestar alguns esclarecimentos pessoais. E' tão inusitado!...

Na aula:
O professor: — Diga-me quais são os parasitas da batata.

O aluno: — Os intermediarios!...

Entre vizinhas:

— Porque choras, Conceição?

— Sabes que meu marido é carvoeiro? Pois bem: imagina que foi atropelado, levaram-no ao hospital, deram-lhe um banho... e acabo de saber que estou casado com um preto.

Numa agencia de criadas:

A senhora: — Tem sempre aqui muitas criadas?

A patroa: — Umass cincoenta por semana.

A senhora: — Por ano são mais de mil!

A patroa: — Oh, não! São sempre as mesmas...

Entre bebados:

— Porque não vais para casa?

— Porque minha mulher deve estar de mau humor?

— E porque está ela de mau humor?

— Porque não vou para casa...

Ela: — Encontraste trabalho?

Ele: — Sim! Uma colocação magnífica, mas tenho uma pequena duvida.

Ela: — Qual?

Ele: — E' que não sei se são três mil escudos ao ano ou cada três mil anos um escudo...

— Amigo, tenho que fazer um mau-soleu, mas não sei que estilo hei de escolher.

— Fá-lo em estilo renascimento.

— Renascimento?... Calha bem, homem! E' para minha mulher.

— Ontem, conversei quatro horas com um alemão, apesar de não conhecer a lingua.

— Que interessante!... Foi por sinais?

— Não! E' que ele fala o português correctamente...

— Vamos a ver, Sabino. Tu sabes de onde era Cristovam Colombo?

— Não sei, mas o sr. tambem não sabe...

— Amigo, tenho que fazer um mau-soleu, mas não sei que estilo hei de escolher.

— Fá-lo em estilo renascimento.

— Renascimento?... Calha bem, homem! E' para minha mulher.

— Ontem, conversei quatro horas com um alemão, apesar de não conhecer a lingua.

— Que interessante!... Foi por sinais?

— Não! E' que ele fala o português correctamente...

— Amigo, tenho que fazer um mau-soleu, mas não sei que estilo hei de escolher.

— Fá-lo em estilo renascimento.

— Renascimento?... Calha bem, homem! E' para minha mulher.

— Vamos a ver, Sabino. Tu sabes de onde era Cristovam Colombo?

— Não sei, mas o sr. tambem não sabe...

— Amigo, tenho que fazer um mau-soleu, mas não sei que estilo hei de escolher.

— Fá-lo em estilo renascimento.

— Renascimento?... Calha bem, homem! E' para minha mulher.



Foot-ball francez e foot-ball português

Até que enfim!

Acabou a estopada do campeonato de foot-ball de Lisboa — essa prova a prestações e por senhas progressivas.

Foi o Belenenses o feliz contemplado.

Dizem unanimemente os criticos que: — com justiça. Deve ser verdade. Quando os criticos estão todos de acôrdo, é sempre verdade.

Por conseguinte: — parabens ao Afonso de Albuquerque.

Os senhores amadores de desporto automobilista estão-se excedendo um pouquinho...

E os domingos, muito em especial, são dias do diabo.

No domingo ultimo houve um choque violento entre dois carros. Um espectador explicava o desastre da maneira seguinte:

— «Foram dois *chauffeurs* que quiseram atropelar o mesmo transeunte.»

Tem-se feito silencio sobre a proxima disputa do campeonato da Europa pelo pugilista português José Santa.

Contudo, ha imensas pessoas sonhando com o mirifico negocio de acompanhar Santa, como campeão europeu, até á America do Norte. São tantas que, a deslocarem-se todas, Camarão desembarcaria em Nova York com uma comitiva de *rajah*.

Algumas criticas ao ultimo Portugal-Espanha foram julgadas violentas. Argumenta-se dizendo que, lá fó-

ra, os criticos são mais benevolos.

Vejamos, por exemplo, o que escreve André Glamer sobre a final do campeonato de França:

«A pobreza do jogo efectuado

ontem em Colombes, no final da mais popular e da maior das provas desportivas francesas, vem confirmar com eloquencia a má qualidade actual do foot-ball praticado em França, e explica tam-

hem as nossas sensacionais derrotas sobre os terrenos internacionais, entre as quais a de Saragôça foi a mais penosa.

«É certo que o foot-ball francês brilha por intermitencias. Mas a falta de organização, os nossos rudimentares métodos de treino e a ausencia total de direcção que imponha aos jogadores e aos dirigentes métodos de trabalho racionais — impedem o foot-ball francês de manter o lugar a que tem direito nas competições internacionais.»

Um campo de sport



--Porque é que você foi prezo?

--Por uma questão de sport sr. juiz.

--?...

--Sim, sr. juiz, puz-me a atirar aos pratos na cabeça da minha mulher.

Olhem que ja é preciso ser muito patife para dizer coisas destas a uns rapazes que bateram Portugal por dois a zero!

Dialogo entre o dono dum automovel e um seu convidado, durante uma paragem de carro:

— Porque parou o automovel?

— Porque precisa aguardente.

— Mas o motor não precisa de aguardente!

— O motor, não. Mas o *chauffeur*, sim!

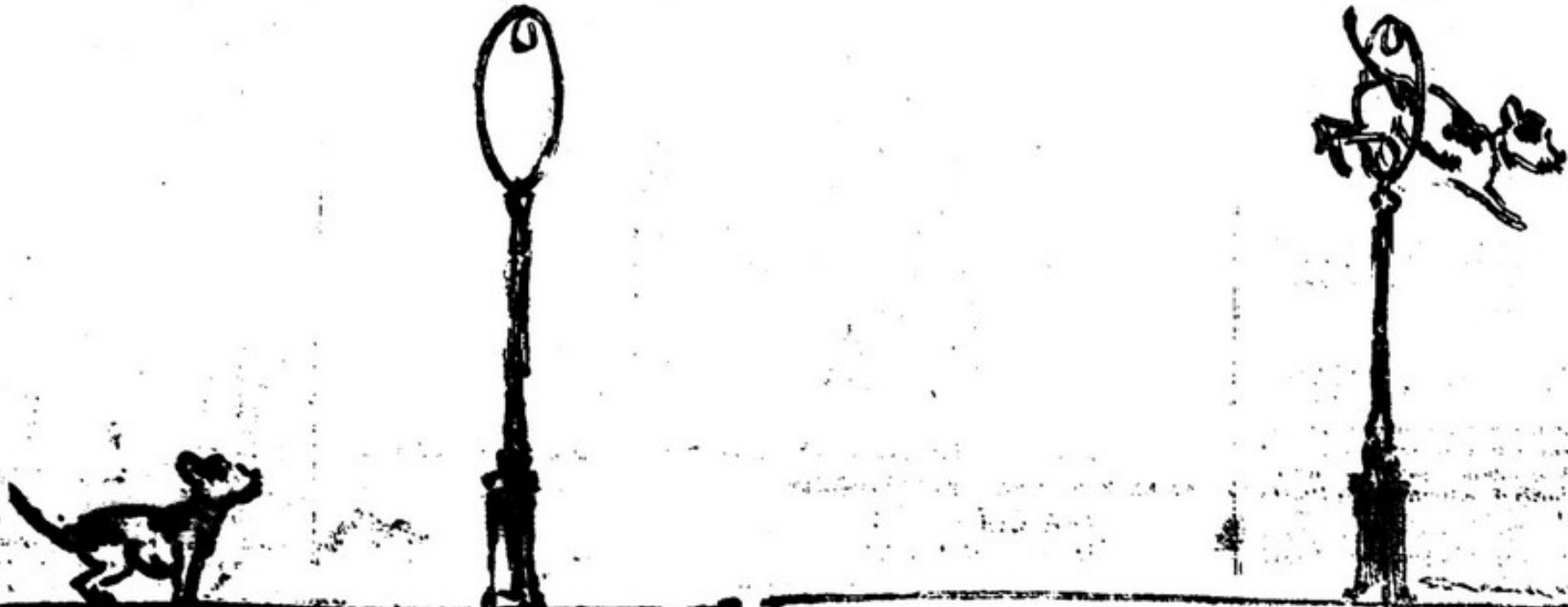
A epoca de foot-ball ainda não terminou, mas já se anunciam importantes transacções para a epoca futura.

A Liquidadora fará brevemente leilão dum *goal-keeper*, um *center-half*, um *back* direito e dois *avancados*.

Rebola-A-Bola.

Uma noite com guitarradas e fados só no Solar da Alegria

NOVO DESPORTO



ECOS DA SEMANA

3º ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO **fixe** e 1º dos **ECOS DA SEMANA**

MUITOS CHIS-CO-RAÇÕES PARA OS Nossos LEITORES

